

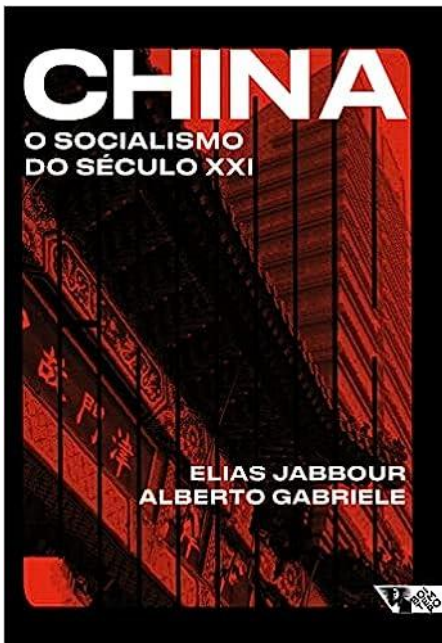
# China — o socialismo do século XXI

ELIAS JABBOUR & ALBERTO GABRIELE

São Paulo – SP: Boitempo, 2021. 314 p.

Zuleica Cristina Vicente<sup>1</sup>

275



O livro surgiu do cruzamento da obra de dois professores pesquisadores que dedicaram suas vidas a compreender o desenvolvimento econômico e social chinês e traz grandes contribuições para o campo marxista, sobretudo no que se refere a desmistificação aceca do socialismo e comunismo, tão atacados atualmente. Alberto Gabriele é consultor e pesquisador, atuou por mais de 30 anos como economista do desenvolvimento em várias organizações da ONU na Europa, África, Ásia e América Latina. Suas pesquisas se centram nas temáticas: políticas e estratégias de desenvolvimento econômico e

social, com atenção especial para políticas industriais e de concorrência, reestruturação de empresas estatais, comércio internacional e China; Elias Jabbour é professor dos Programas de Pós-Graduação em Ciências Econômicas (PPGCE) e em Relações Internacionais (PPGRI) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), pesquisa há mais de 25 anos temáticas

<sup>1</sup> Mestra em educação e doutoranda em educação, na Faculdade de Educação (UNICAMP), formada em Gestão Empresarial, Pedagogia e Ciências Sociais. Professora na Rede Estadual do Estado de São Paulo. | [zig\\_zu@hotmail.com](mailto:zig_zu@hotmail.com)



do socialismo e da experiência chinesa e é vencedor do *Special Book Award of China 2022*.

Os autores, ao longo das quase 500 páginas, divididas em partes, e subdivididas em tópicos levam o leitor a pensar a respeito do desenvolvimento econômico chinês nessas últimas décadas. Também associam de forma bastante feliz temas caros à economia política, a uma consistente coletânea de dados estatísticos e a um campo novo de pesquisa, qual seja: o da neuroeconomia, que nos permite refletir sobre a relação “comportamento competitivo x comportamento cooperativo”, que é verdadeiramente instigante.

A divisão do livro em partes, e em tópicos possibilita ao leitor apropriar-se de discussões teóricas, muito bem desenvolvidas, que são essenciais para todo aquele que se predispõe a estudar o marxismo, e nesse sentido, a obra deve ser indicada para aqueles que estão iniciando sua trajetória acadêmica, ou mesmo para aqueles que ainda que não estejam inseridos nesta realidade, se interessam pela compreensão de questões geopolíticas, sobretudo porque a China ainda é um mistério para a maioria de nós, altamente contaminados por uma visão ocidental de mundo.

Ainda no que se refere a apresentação e organização da obra, os autores optaram por colocar as notas de rodapé no final de cada tópico e pela utilização excessiva de siglas, o que torna a leitura um pouco mais difícil e cansativa. Mas, compreendo que quanto às notas de rodapé, este tem sido o padrão adotado pela maioria das editoras.

Ao longo da primeira parte, temos uma exposição teórica bastante interessante, dividida em tópicos, absolutamente importantes para a compreensão da economia política como ciência e que são resumidos em poucas páginas sem comprometer a compreensão da mesma, evidenciando um grande poder de síntese dos autores. A discussão proposta sobre a teoria do valor e da existência de um metamodo, que como a expressão mesmo evidencia, está ‘além do modo’ é absolutamente necessária para pensarmos as relações de produção para além do capital.

Na palavra dos próprios autores: “nenhuma engenharia social alternativa poderá ir além dos limites impostos pelo metamodo de produção. Porém, o sistema permite a existência tanto de projetos nacionais quanto de formações econômico-sociais não capitalistas”. A maioria dos tópicos torna central a discussão acerca da teoria do valor e como esta também estaria presente no socialismo, segundo os autores. Este é o primeiro ponto de inflexão que o livro nos traz e nos movimenta no sentido



de realmente considerar a centralidade desta teoria, sobretudo porque os autores ainda apontam a educação como “trabalho improdutivo” e esta é uma questão que dialoga diretamente com discussões importantes nos departamentos de educação das principais universidades, posto que a financeirização da educação com a criação de grandes grupos educacionais, que obtêm seus maiores retornos financeiros de operações em bolsa de valores e não mais da venda do serviço educacional em si, é um ponto de extrema importância para repensarmos essa classificação de trabalho em improdutivo e produtivo.

No ponto mais importante de inflexão, que aparece ao longo das duas partes do livro, os autores reconhecem no desenvolvimento do capitalismo chinês características que os levam a reclassificação desse “capitalismo de novo tipo” como socialismo de mercado. Para defender sua hipótese, os autores propõem aos pesquisadores do campo marxista - que divergem quanto ao entendimento da existência ou não de países socialistas na atualidade, - que repensem modelos clássicos de socialismo, que mais se aproximam de um socialismo utópico -, a considerarem nosso atual momento histórico e as condições materiais que nos são dadas. A esse respeito, como pesquisadora do campo marxista, concordo que alguns de nós ainda insista nessa posição, quase de defesa, em alusão á fábula do verdadeiro escocês, à um tipo místico de socialismo, que se aplicaria como receita de bolo, fazendo com que estes refutem qualquer possibilidade de reconhecimento da existência de países socialistas, que não se enquadram nas experiências Russa (do início do século passado) e a Cubana. Por outro lado, também entendo que alguns de nós, levados por um sentimento honesto, de ver em vida aquilo pelo que lutamos se materializar, podemos ser levados a enxergar nosso desejo materializado, ainda que este não o seja, considerando somente a satisfação da nossa expectativa e não os fatos. Para fugirmos desses dois momentos, que ainda que sejam diferentes dizem respeito à mesma negação, construímos pesquisas sólidas e tentamos nos afastar do nosso objeto, de forma a não o contaminar com nossas visões de mundo. Todavia, devemos aceitar que não existe neutralidade nos campos de pesquisa econômico e social, e partindo deste pressuposto, a aceitação da hipótese trazida pelos autores não depende somente do nosso desprendimento de modelos utópicos ou da realização das nossas expectativas, mas da observação metódica das condições materiais e da constatação das transformações socioeconômicas estruturais necessárias para uma transição socialista visando ao comunismo.



Nesse sentido, apesar da boa exposição teórica e dos dados trazidos pelos autores, ainda não é possível afirmarmos de forma categórica que estamos diante de uma China socialista, posto que, a compreensão mais basilar a respeito de socialismo o coloca como forma de transição para o comunismo. É fato que diferentes modos de produção coexistem, também é fato que devemos considerar sempre em nossas análises o nosso contexto histórico. E nesse aspecto, considerando as condições de desenvolvimento e projeto econômico chinês, o comunismo não aparece no horizonte como possibilidade, ao menos não de forma clara.

Todavia, a não concordância com a hipótese apresentada pelos autores não tira o mérito da obra. Indico fortemente a leitura e a crítica, tão necessária para superarmos visões e modelos romantizados que não se aplicam por lhes faltarem materialidade e partirmos para soluções que nos levem de forma efetiva para a revolução que tanto almejamos.

### Referências

JABBOUR, Elias; GABRIELE, Alberto. **China**: o socialismo do século XXI. São Paulo – SP: Boitempo, 2021.

*Recebido em 20 jun. 2023 | aceite em 25 jun. 2023*

